

# BONFIM: ORIGEM E FORMAÇÃO

Duílio BATTISTONI FILHO

## 1. INTRODUÇÃO

Um dos pilares do grande desenvolvimento urbano de Campinas foi a rápida expansão de sua lavoura cafeeira, que, graças aos seus rendimentos, proporcionou condições financeiras para o rápido desenvolvimento da cidade. Inúmeros historiadores campineiros já resgataram o passado campineiro e somente agora existe um interesse pela história dos bairros.

Quero crer que o exemplo proporcionado pela Prefeitura de São Paulo ao desenvolver o estudo de vários bairros da Paulicéia foi determinante especialmente nos historiadores da **Unicamp** que já tem quase pronto um projeto denominado **Persistências e Mudanças do Viver Urbano em dois bairros de Campinas: Cambuí e Vila Industrial**. Tal projeto foi de início coordenado pelo prof. Hector Herman Bruit e atualmente pela prof<sup>a</sup> Olga Moraes von Simson com a participação de meia dúzia de colegas da referida Universidade.

Estudar um bairro é vivê-lo, tanto que o filósofo francês Georges Gusdorf, no seu livro **A Agonia de nossa Civilização** comenta que “fixar residência em algum lugar, escolher a cidade, o bairro, no bairro a rua e nesta a casa, é depositar em um espaço desde então privilegiado o conjunto das exigências vitais, das simpatias e antipatias, dos valores de que o homem é portador. A casa e o jardim são lugares encantados da infância, de onde o adulto conservará sempre a nostalgia”<sup>1</sup>.

Foi pensando nestas palavras que começamos a pesquisar o bairro Bonfim, pois aí deitamos raízes que nos marcaram profundamente, ao

---

(1) Gusdorf, Georges. *A Agonia de nossa Civilização* - tradução de Homero Silveira, Editora Convívio, 1978, p. 27.

passarmos praticamente nossa infância, estabelecendo com os horizontes da paisagem familiar uma aliança fundamental que muito contribuíram para o nosso equilíbrio psíquico.

Ao sentirmos estas raízes, não poderíamos nos silenciar e, graças às informações colhidas nos documentos oficiais, nos arquivos familiares e nos depoimentos de antigos moradores do bairro, os quais, diga-se de passagem, nos valem de sua experiência, já que os velhos são os “guardiões do passado” no dizer de Eclea Bosi<sup>2</sup>. Eles desempenham a função para a qual estão maduros, a se unir o começo ao fim e a necessidade, segunda a autora, de “lembrar e lembrar bem”<sup>3</sup> “já que a memória não é um substituto do documento escrito, mas é resultado de realidades que não estão registrados nesse tipo de documento. Foi com este propósito que nos propusemos a divulgar, num primeiro balanço, o nascimento e as transformações ocorridas neste espaço campineiro, especialmente na primeira metade do atual século.

É claro que são apenas apontamentos esparsos, talvez crônicas ligeiras, longe da pretensão de um trabalho definitivo, mas que representa o ponto de partida para futuros trabalhos e um compromisso com a verdade histórica. Bairro é a introdução à cidade. Representa para seu morador, o conjunto dos itinerários percorridos a partir de sua casa. É o lugar do conhecimento mútuo: cada qual é conhecido num certo número de particularidades de sua vida privada por pessoas que não são parentes e que no entanto não são estranhas - os vizinhos. A proximidade espacial cria um conhecimento pelo menos aproximativo: quem não é conhecido parece um intruso. Cada morador do bairro auferir certo proveito dessa vizinhança, desde que pague o devido preço. Ele recebe pequenas gratificações dos outros: sorrisos, saudações, cumprimentos, troca de palavras que dão a sensação de existir, de ser conhecido, apreciado, estimado.

Um bairro atua, sobretudo, em função de fatores culturais ou espirituais como suprimento às exigências vitais a que chamamos de recursos.

Não agrega num espaço determinado o conjunto anônimo de indivíduos de total suficiência. Ao contrário, é uma reunião orgânica que vive, expande ou se contrai com maior ou menor plenitude daqueles recursos. Assim, nos parece um truísmo que um bairro se organiza na medida da qualidade dos seus moradores, como na proporção em que a administração pública ampara ou descuida dos benefícios e dos equipamentos.

(2) Bosi, Eclea. Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos, TA. Queirós, Edit. Ltda, 1979, p. XVIII.

(3) Bosi, Eclea - op. cit. p. 24.

Temos a certeza que a história de um bairro se fará ao buscar no passado o momento exato de sua formação geográfico-urbana e de sua estrutura político-social, evidenciando o valor de suas realizações no decurso de sua vivência.

Com este trabalho objetivamos traçar a história do bairro Bonfim, contar, na medida do possível, como e porque surgiu, como se vivia no bairro, suas ruas e avenidas, seu desenvolvimento econômico e social, suas instituições mais importantes, para que as gerações atuais possam entender a formação, as estruturas de uma comunidade campineira. Devemos acentuar que pesou na escolha deste estudo, razões de caráter sentimental, como vimos, entretanto, isto não inviabiliza o nosso estudo, pois o Bonfim representa um importante capítulo no desenvolvimento urbano do Município, um dos primeiros redutos da industrialização fora do eixo central e pela mútua colaboração entre o homem e o poder político.

## **2 - A REVOLUÇÃO URBANA EM CAMPINAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Campinas ao final do século passado sofreu uma transformação radical, quando a cidade passou de 33.000 habitantes em 1872 a 70.000 no limiar do novo século, fruto de transformações econômicas e sociais, principalmente com a chegada de imigrantes italianos e portugueses que serviriam de mão-de-obra não só para a lavoura como à indústria nascente.

A abolição da escravatura em 1888, liberara capitais e a Nova República proporcionaria autonomia ao Estado e Município, que puderam assim administrar sua própria riqueza.

Havia na região, na passagem do século, 259 fazendeiros de café, com 278 propriedades, produzindo 1.041.605 arrobas de café. A retomada do desenvolvimento industrial veriticar-se-ia somente em 1908, com a lei 129 da Câmara Municipal que concedia favores à indústria, como por exemplo, a isenção do pagamento de impostos durante cinco anos àquelas firmas que viessem a ser instaladas na região, chegando ao máximo de trinta anos para aquelas cujo capital excedesse a 2.000\$000<sup>4</sup>.

---

(4) Bergo. Maria Estela de Abreu. Estudo Geográfico da Cidade de Campinas. Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III, 1952, p. 687.

A administração municipal, empolgada com o progresso que a eletricidade proporcionaria à fábrica Carioba no município de Americana, empreende a fusão da Companhia Campineira de Iluminação a Gás com a Companhia de Iluminação e Força. Neste sentido, a Usina Hidrelétrica de Salto Grande é comprada e incorporada, surgindo daí a Companhia Campineira de Tração, Luz e Força.

No plano urbanístico a cidade continua a expandir, apesar de contar com uma arquitetura colonial com casas baixas, sobressaindo-se, pela sua altura, a Catedral. Contudo, algumas transformações ocorrem. Por exemplo: palacetes habitados por imigrantes ricos começam a surgir, fazendo séria concorrência com os sobradões dos campineiros antigos. As técnicas construtivas já começam a se alterar e novos materiais são introduzidos e vulgarizados. O tijolo já tinha aparecido em 1867 fabricado pela Olaria de Sampaio Peixoto que substituíra a taipa que vigorara até então. Além dele, outros materiais vão surgir como a telha francesa, pinho de Riga, ardósia, para citar algumas. É evidente, que estes materiais, com exceção do tijolo, vão surgir graças à importação, já que nossa indústria ainda incipiente não os produzia.

Será exatamente dentro deste quadro campineiro, balizado grosso modo pelas três últimas décadas do século passado, que nasceu o bairro Bonfim. Até então, o pequeno núcleo central urbano ficava adstrito ao local em que se dera a fundação da cidade, separado pelos bairros da Vila Industrial e Guanabara em função das oficinas das Companhias Paulista e Mogiana, respectivamente.

No centro da cidade como nas chácaras, residiam as famílias campineiras tradicionais. As chácaras eram auto-suficientes, possuindo pomar, criação e cultivo de gêneros para a subsistência dos moradores.

Com a formação dos novos bairros no início do século surge um novo programa residencial. A burguesia já superara a novidade do imigrante acostumado aos chalés lambrequinados. Com a influência do cinema americano ocorre o estilo **missões** que permite a formação de sobrados de tijolo à vista guarnecidos por molduras brancas em volta das envazaduras e beirais.

Ramos de Azevedo, o empresário oriundo do café que aglutinava em torno de si, o que havia de melhor na época, em termos de concepção arquitetônica, como por exemplo, a Cadeia Nova, o Grupo Escolar Francisco Glycério ou o Instituto Profissional Bento Quirino, todos do século passado, já estava superado.

A nova arquitetura caracterizava-se pela **movimentação**, dos telhados. Tanto as casas de tijolo à vista como as de estilo colonial deveriam

ter telhados recortados, cheios de dobras e espigões. Estas casas já estavam sendo construídas em importantes artérias da cidade como na avenida Barão de Itapura, Júlio de Mesquita e ruas como a Conceição.

As novas casas não eram mais construídas nos alinhamentos da rua. Haveria passagens laterais largas para a entrada de carros, surgindo assim a garagem. Aliás, diga-se de passagem, o automóvel passa a ocupar as ruas, entretanto, não faz concorrência com os bondes elétricos. A população somente o utiliza em dias de festa e cortejos. Com o surgimento da copa nas residências, a varanda de nossos avós perde muito de seu interesse como centro da casa.

As casas campineiras aos poucos perdem aquela austeridade caipira do campineiro velho. Os palacetes recém-aparecidos apresentam salões ricamente ornamentados e com uma novidade: as paredes são empapeladas, substituindo as pinturas. O prédio da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro é um exemplo típico.

As famílias abastadas, porém, não se privam dos quadros e litografias que ornamentam suas paredes, mostrando cenas, geralmente de romances célebres vindos diretamente de Paris ou da rua do Ouvidor do Rio de Janeiro. Esta aristocracia vive às custas da agricultura do café, optando por padrões culturais europeus, notadamente franceses.

A classe média freqüentava estabelecimentos como o Café Guarani ou a Charutaria do Lalá. O café, o bar, a casa de chopp eram de freqüência exclusivamente masculina. Para as mulheres existiam os salões de chá e as confeitarias, como o Grande Hotel de França onde havia um rico sortimento de bebidas finas ou o Clube Campineiro.

O Rink de patinação aberto desde 1878, além de proporcionar uma forma de exercício para a população, oferecia números especiais de patinação e atos de variedade. Também neste mesmo ano era aberto ao público, o Hipódromo Campineiro onde a elite podia se deliciar assistindo corridas de cavalo.

No início deste século havia um bulício em cada canto, um anseio de progresso e desenvolvimento e o fluxo imigratório se intensificava. Destinados à lavoura, os imigrantes logo estavam na cidade, localizando-se em bairros periféricos como a Vila Industrial, Guanabara, Ponte Preta e Bonfim. Surgem as moradias coletivas sob a forma de cortiços ou **cabeças de porco**, casas de cômodos ou vilas.

É preciso destacar que os novos bairros que surgiam eram resultantes de uma nova mentalidade capitalista que se formou no Brasil

urbano, propiciados pelo alto índice demográfico das cidades, o que teve como conseqüência, a valorização sempre crescente dos imóveis. Os próprios proprietários de chácara, conscientes da valorização que suas terras alcançavam nas zonas urbanas, deram início a tais atividades.

Alguns melhoramentos vão ser introduzidos na cidade, na gestão do Dr. Heitor Penteado, a partir do segundo decênio do atual século. Assim, as ruas centrais vão ser calçadas com paralelepípedos e iluminadas com energia elétrica, substituindo os tradicionais lampiões a gás; casas serão desapropriadas para alargar ruas centrais como a Bernardino de Campos e a Tomás Alves. Amante da natureza, em 1915, o prefeito compra a área e forma o Bosque dos Jequitibás, assim como ajardina as praças Carlos Gomes e Bento Quirino e reforma as da Imprensa Fluminense, São Benedito, Luís de Camões e a do Pará<sup>5</sup>.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial houve uma natural recessão como era de se esperar. Porém, cessado o conflito e com a liberação da navegação mercantil, houve um recrudescimento da indústria, principalmente a de tecidos, laticínios, couro e madeira, para atender ao comércio interno, ocasionando o primeiro processo de substituição de importações. O parque industrial campineiro cresce principalmente com a instalação em 1921 da Fábrica de Tecidos e Elásticos de Godoy e Valbert, sediada na rua José Paulino. Ressalte-se que, até esta data, os produtos elásticos eram importados da Inglaterra, Itália e Suíça.

O Município, no período de 1912 a 1920, conta com 83 fábricas, empregando mais de 3.000 operários. Em 1917, com a entrada de imigrantes, especialmente italianos e espanhóis, de acentuada orientação indicialista, ocorre uma greve, primeiramente na capital e que depois se estenderia a outros centros. A causa principal do movimento foi a carestia vigente, lutando os operários por melhores condições salariais. Em Campinas, 800 operários entram em greve e conseguem trazer para a causa os empregados da Cia Mac Hardy, Lidgerwood, Tração Luz e Força, das oficinas de Alfonso Ramasco e Alexandre Sim, Cervejaria Columbia e Serraria Lochino de Sousa. As primeiras firmas a elevar o salário foram a Mac Hardy e a Paulista<sup>6</sup>. A repressão policial foi violenta no sentido de paralisar o movimento, quando quatro operários foram mortos.

Em 1919 haveria outra greve liderada pelos operários da Cia Mogiana que conseguem a cooperação dos empregados dos coletivos,

(5) Santos Filho, Lycurgo de Castro. Heitor Penteado, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XXXVI, 1980, p. 11.

(6) Fiorentino, Terezinha Aparecida del. O Processo de Industrialização Campineira: origem e evolução (1850-1930). Campinas, 1972, p. 27. Exemplar mimeografado

dos lavradores da Fazenda Santa Elisa e dos empregados da Prefeitura Municipal<sup>7</sup>. Entretanto, parte das reivindicações seria atendida como a reorganização da Liga Operária, uma tabela de preços e a construção de Vilas Operárias.

A maioria das vilas campineiras surgiu nas primeiras décadas do atual século como reflexo da expansão dos estabelecimentos fabris às quais geralmente estavam vinculadas. Terrenos de baixo custo, disponibilidade de grandes áreas foram fatores determinantes para a fixação desses conjuntos ao longo dos principais eixos de circulação periférica. Nas décadas de 20 a 30 a legislação municipal permitiu loteamentos com características específicas para viabilizar a moradia de trabalhadores e operárias. Desta forma, vários arrabaldes vão ser formados recebendo o nome de **vilas** como; Marieta, Nova, Itapura, etc. ou **jardins** como: Chapadão, Guanabara, para citar alguns. O bairro da Ponte Preta, outrora, pacato e sem vida, doravante ganha boa população operária e aumenta o seu espaço no sentido da estrada de rodagem para São Paulo.

No plano cultural, há um clima de euforia, com a inauguração em 1901, do Centro de Ciências, Letras e Artes, obra de cidadãos beneméritos como Edmund Krug, José de Campos Novaes e Cesar Bierrenbach, este último notável tribuno e homem de letras. Esta agremiação chegou a reunir a fina flor da intelectualidade campineira, pois em seu amplo auditório, eram realizados cursos, palestras e exposições de arte. Coelho Neto, grande escritor patricio, na ocasião, professor do Colégio do Estado, fizera parte de sua primeira diretoria, como orador.

A tradicional Casa Livro Azul, estabelecimento fundado por Antonio de Castro Mendes, abrigara o Clube Livro Azul que por sua vez convidara Coelho Neto a redigir um texto sobre a noite de Natal. Nascia assim **a Pastoral** composta de um Prólogo e três episódios, cuja montagem luxuosa se tornara impraticável para ser apresentada no Clube e por isso teve que ser representada no Teatro São Carlos na noite de Natal, em 1903, iluminado a luz elétrica. Foi uma apoteose, sendo posteriormente levada com igual êxito a outros centros como Rio e Lisboa<sup>8</sup>.

No campo educacional foram inaugurados o Colégio Progresso Campineiro, em 1900, por um grupo de leigas; em 1902 a Escola Complementar destinada ao grupo primário e que se transformaria no majestoso Instituto de Educação Carlos Gomes; em 1908, era a vez do Colégio Sagrado Coração de Jesus, das irmãs de Nossa Senhora do Calvário e em 1909, por iniciativa dos

(7) Idem, op. cit. p. 28.

(8) Lapa, José Roberto do Amaral. Coelho Neto em Campinas (1901-1904). Revista de História (43), 1960, p. 39.

padres salesianos, o Externato São João, enquanto que, em 1915, surgia o Colégio Diocesano.

Crescia a fama de Campinas como centro educacional que, fins de 1923 a imprensa reproduz a tradução de um artigo publicado no **Brazilian American**” rivaliza com Santos (...) por manter o logar de segunda cidade do Estado (...) mais de 90 escolas, Gynasio, Escola Normal, três Grupos Escolares, algumas escolas particulares de educação especializada em várias profissões e ramos technicos”<sup>9</sup>.

No plano religioso, em 1908, era criada a Diocese, sendo nomeado para primeiro bispo, D. Joao Batista Correia Nery. Este piedoso antístete campineiro foi o criador do teatro amador em Campinas e do primeiro jornal católico, **O Mensageiro** e que, em 1921, passou a se chamar A Tribuna.

Quanto à Imprensa tivemos a fundação em 1912 do **Diário do Povo**, jornal que circula até hoje e o ressurgimento, em 1921, da **Gazeta de Campinas**, das cinzas de um jornal de igual nome. Alguns anos mais tarde, este jornal abrigaria uma coluna chamada **Seção dos Novos** destinada a publicar trabalhos literários daqueles que assim o desajassem. E, um dos mais assíduos colaboradores foi o poeta Aristides Monteiro.

Outro acontecimento que muito concorreu para o revigoramento das letras foi o aparecimento da revista **A Onda** obra de Vitor Caruso, voltada para o humorismo, cujos trocadilhos proporcionaram momentos de muita alegria à população. Acontecimento auspicioso para esta revista foi quando o também poeta Hildebrando Siqueira passou a dirigi-la em 1923, procurando adaptá-la à corrente modernista, respeitando a índole reacionária da sociedade local. No final de 1924, com a redução do número de colaboradores, quase todos os artigos foram de sua lavra. Desprovida de recursos e diminuindo o número de patrocinadores, **A Onda** encerraria suas atividades nesta época, não chegando, contudo, esmorecer em momento algum, o ânimo da mocidade sequiosa de cultura. É verdade que muitos de seus leitores eram moços e salvo poucas exceções não possuíam cultura literária aperfeiçoada. Não seguiam nenhuma escola filosófica e pensavam através do coração. **Nietzche** e **Schopenhauer** tinham admiradores, sem dúvida, mas o filósofo da moda era **Bergson**<sup>10</sup>. O movimento editorial cresce, destacando-se a Casa Genoud e a Livro Azul, cujos livros primavam pela perfeição gráfica.

Ao final do século passado, em 1896, com a invenção do cinema pelos irmãos Lumiere, Campinas teria este divertimento no ano seguinte

(9) *Gazeta de Campinas*, 12/12/1923.

(10) Depoimento de Aristides Monteiro.

quando o empresário e pretigitador, Faure Nicolay fez a primeira apresentação do cinematógrafo no Teatro São Carlos. Um ano depois era o famoso dr. Cunha Salles que, no mesmo local, apresentava sua Companhia de Novidades Êxcentricas acompanhado por um cinematógrafo que se dizia Lumiere. Daí por diante as mais diversas companhias de variedades se apresentam em Campinas, como o American Biograph e o Cinematógrafo falante, ora no Rink, ora no São Carlos.

O gosto pelo cinema é grande e o comerciante Antonio Benedito de Castro Mendes, chega a adquirir um aparelho Bioscopio quando visita a Exposição Internacional de Paris, fazendo em Campinas diversas projeções.

As primeiras salas equipadas para a nova diversão o Bijou, o Recreio, o Cassino Carlos Gomes, além de salas efêmeras aparecem a partir de 1909, mas seu funcionamento devia ser precário. Embora as experiências com geradores de eletricidade datassem de 1898, apenas em 1908 se constituía definitivamente a Companhia de Tração, Luz e Força que, em 1912, eletrifica a rede de iluminação pública e substitui os bondes de burro por bondes elétricos. A partir de então raro é o momento em que pelo menos três cinemas não funcionem na cidade ao mesmo tempo. O novo divertimento rapidamente se instala e o público o consagra. Já em 1912 surgem reclamações. "Pode-se dizer que Campinas nocturna resume-se apenas aos cinemas, onde assiste a gente às corridas do Tontolini, ao lado dos dramas da Pathé e das tragédias de Norksk (...) e para mal dos nossos pecados, até o Cassino tombou para a valla comum dos cinemas, suprimindo as variedades.(...) Até quando irá esta pasmaceira, santo Deus?"<sup>11</sup>.

Em 1916 inaugurava-se, adaptado para cinema um antigo barracão destinado a touradas, o Colyseu que ao lado do Rink e do Cassino eram as salas disponíveis na ocasião.

Em termos artísticos, Campinas passa por uma fase de grande euforia. A imprensa noticiava que "Campinas atravessa a phase mais gloriosa de sua história artística"<sup>12</sup>. Aparentemente a elite cultural da cidade participava pouco do entusiasmo popular que transformou o cinema na principal diversão da primeira metade do século. A Música, a Escultura, a Pintura e a Poesia eram as fontes onde essa elite ia procurar os seus objetivos de prazer. Contudo, o cinema campineiro entraria numa fase de apogeu arrancando aplausos do Brasil inteiro. O cinema campineiro viveu esta fase de grandeza no período de 1923 a 1926 quando foram realizados filmes importantes como: **João da Mata, A Carne, Amar para Sofrer** chamando a atenção da crítica especializada do país.

(11) Diário do Povo, 8/5/1912.

(12) Gazeta de Campinas, 26/5/1923.

Na Música e Artes Plásticas, Campinas contou com uma plêiade de artistas que já estava despontando no cenário artístico nacional. Poderíamos destacar: nas Artes Plásticas, Marcelino Velez, Nicota Bayeux, Maria Pompeu de Camargo e Sampaio Peixoto; na Música, Santana Gomes, Maria Monteiro, Ofélia Nascimento e tantos outros.

### **3 - BONFIM - SUA ORIGEM E FORMAÇÃO**

As primeiras sesmarias concedidas na região de Campinas pelo governo da capitania de São Paulo, abrangem o período de 1728 a 1754. Contudo, numa primeira fase, deve-se ressaltar que não deixaram marcas, já que o número de pessoas que receberam as terras era pequeno e considerando-se a pouca capacidade financeira das mesmas em investir em projetos mais ambiciosos, acabou não resultando numa produção que envolvesse um grande povoamento.

Entretanto, com a vinda do primeiro povoador, simples posseiro, Francisco Barreto Leme, em 1741, conforme o Recenseamento de 1775, deu-se o início do povoamento rural do Município<sup>13</sup>.

A localização das sesmarias em Campinas é um problema extremamente complexo, de difícil solução já que apresentam erros de medição, sérios embaraços de localização e a própria nomenclatura apresenta erros de difícil interpretação. Compulsando os documentos poderíamos constatar uma grande confusão de nomes de proprietários rurais, vendedores de sítios, vizinhos, como se todos fossem sesmeiros.

As datas das concessões das sesmarias, ou aquisições latifundiárias, não significam que os seus proprietários, na mesma data, fizessem a montagem de seus engenhos com produção.

A partir de 1790 constatamos um grande afluxo de pessoas abonadas a Campinas interessadas na produção de cana e fabricação de açúcar, pela excelência das terras e perspectivas de mercado. Os antigos roceiros tinham desde os primeiros tempos seus pequenos canaviais, com engenhocas e fabricação de cachaça, porém, faltava-lhes capital, transporte e produção para a montagem de um grande engenho.

(13) Pupo, Celso Maria de Mello. Campinas, Município no Império. Imprensa Oficial do Estado, 1983, p. 119.

Com o exemplo de Itu, grande centro produtor e exportador de açúcar, Campinas procura seguir-lhe *os passos* e para tanto a região eleva a produção açucareira concedendo benefícios àqueles que porventura quisessem se estabelecer com engenhos.

Os novos engenhos não apresentam uma arquitetura grandiosa. Entretanto, suas casas-solares são assobradadas, mas de um só andar. Morar no campo foi uma contingência de trabalho, que se tornou hábito elegante da aristocracia rural campineira. No início do século passado as construções apresentam telhados de quatro águas sobre um quadrilátero perfeito ou de três águas com partes térreas adidas a sobrados. As construções dos roceiros, senhores de pequenos sítios, inicialmente de pau-a-pique passam para a taipa especialmente nas paredes mestras.

No período de 1788 a 1822 verificamos uma segunda fase de concessões de sesmarias, sobretudo na época do grande florescimento da indústria açucareira. São aquinhoados aqueles que apresentam maiores recursos financeiros, adquirem sítios por posse, pequenas propriedades que se reúnem a outras áreas contíguas de terras devolutas, compondo, assim, uma área enorme para a exploração canavieira<sup>14</sup>. São personalidades ilustres, nomes respeitáveis na história e nos registros da vida da cidade. É o caso do proprietário rural, Joaquim José Teixeira Nogueira, um dos mais importantes sesmeiros da região e um dos primeiros a instalar engenhos de cana-de-açúcar em Campinas.

Esse magnata do açúcar nasceu em Lavras do Funil, Minas Gerais, em 1759 de tradicionais troncos mineiros e paulistas. Era filho do capitão Domingos Teixeira Vilela e Ângela Isabel Nogueira do Prado. Estabelecendo-se inicialmente em Itu, teve um ótimo relacionamento com tradicionais famílias ituanas, casando-se com Ângela Isabel Maria de Sousa. Nesta cidade pôde observar as vantagens da cultura da cana e o fabrico do açúcar. Seu irmão frei Antonio de Pádua chegou a ser prior do Convento São Luís e o primeiro vigário de Campinas<sup>15</sup>.

Mais tarde, Joaquim vendo grandes possibilidades econômicas em Campinas, transfere-se para esta cidade juntamente com seus irmãos. Aqui, recebe cinco sesmarias a saber: Sítio Grande, Atibaia (entre os rios Jaguari e Atibaia), Quilombo (próximo a Nova Veneza), Atibaia II (próximo a Paulínia) e Barreiro (município de Americana).

(14) Pupo, Celso Maria de Mello. Campinas, seu berço e juventude. Publicação da Academia Campinense de Letras, 1969, p. 66.

(15) Pupo, Celso Maria de Mello. Campinas, Município... p. 138.

Destas sesmarias recebidas, a principal foi o Sítio Grande, nome depois mudado para Engenho e Fazenda Chapadão na época do café. A propriedade cresce de tal forma que em 1798, a produção açucareira era orçada em 1.000 arrobas, quantia respeitável na ocasião.

Além de proprietário rural, Joaquim teve destacada participação na vida política de Campinas, quando chegou a ser vereador, juiz de órfãos e juiz ordinário. Aliás, na sua família, seu primo-irmão Manuel Jacinto Nogueira da Gama foi lente na Academia Real da Marinha em Lisboa e mais tarde ministro de Estado no Brasil, onde recebeu em 1825, o título de Marquês de Baependi.

Ao falecer em 1832, Joaquim José foi sucedido pelo seu filho o major Luciano Teixeira Nogueira que construiu a nova sede da fazenda. Teve destacada atuação na Revolução Liberal de 1842 contra as forças de Caxias. Em 1869, já como fazenda de café, foi vendida ao Barão de Itapura, contando em 1885 com 110 mil pés de café, máquinas de benefício a vapor e terrenos atijolados<sup>16</sup>.

Com a abolição da escravatura, em 1888, seu novo proprietário Otaviano Alves de Lima, com a perda da mão-de-obra escrava, resolve desmembrá-la, iniciando assim, a processo de loteamento da área, resultando em sítios e chácaras<sup>17</sup>. Desta forma, surge o Bairro Bonfim, fruto do desmembramento desta propriedade. Um dos primeiros a residir numa destas chácaras foi o padre Antonio Teixeira Nagueira, descendente de Joaquim José Teixeira Nogueira, situada em terras do atual Bonfim<sup>18</sup>.

A planta da cidade de Campinas elaborada por Leopoldo Amaral em 1900 e editada pela Casa Livro Azul já aparece delineado o bairro Bonfim, salpicado por imensos cafezais, somente despontando o Hipódromo Campineiro. Entretanto, não registra o nome de uma rua sequer, donde concluímos que o seu povoamento ainda não tinha sido iniciado.

No início deste século a zona central campineira era o reduto das famílias tradicionais. À medida que os aluguéis subiam, a população mais pobre se afasta do centro e busca regiões periféricas mais a oeste, como o Bonfim e a Vila Industrial.

Graças às suas excelentes condições topográficas, climáticas e perspectivas de progresso, o arrabalde passa a atrair interessados na aquisição de suas terras, especialmente imigrantes portugueses, italianos e mais tarde, alemães.

---

(16) Idem, p. 179.

(17) Parte da gleba da fazenda foi adquirida, em 1942, pelo Exército Brasileiro, para ali instalar mais tarde a sede do comando e unidades da 11 Brigada de Infantaria.

(18) Pupo, Celso Maria de Mello. Campinas, seu berço... p. 257.

A partir de 1910 a Prefeitura Municipal inicia o processo de divisão e arruamento do bairro, quando vários decretos da Câmara Municipal desapropriam áreas para a conseqüente abertura de ruas.

Um dos primeiros chacareiros a ceder suas terras foi o sr. Luís Bueno de Miranda que permitiu a abertura de ruas designadas por números que iriam desembocar na rua Pereira Lima e que o prefeito Heitor Penteado incorporaria ao patrimônio público a 11 de novembro de 1913<sup>19</sup>.

O abastecimento d'água começa por volta de 1915. As redes eram distribuídas pelas ruas mais habitadas. A cobrança da taxa d'água era a domicílio pagando de acordo com o tamanho do prédio sendo essa cobrança feita mensalmente por funcionários da Repartição de Águas, que auferiam porcentagens pelas cobranças feitas.

Mais tarde o prefeito José Pires Neto decretava o plano de arruamento e divisão em lotes das terrenos de propriedade do sr. Manoel Teixeira situados nos altos do Bonfim<sup>20</sup>.

Pelo decreto-lei nº 127, de 1941, era a vez do loteamento das terras pertencentes ao coronel Bento Bicudo, assim como a abertura de ruas de propriedade da firma Rossi, Borghi & Siqueira determinada pelo prefeito Miguel de Barros Penteado. Dois anos antes o prefeito Euclides Vieira autorizara que a Câmara Municipal, pelo ato nº 153, desse os nomes de três ruas transversais da governador Pedro de Toledo, respectivamente de Café, Açúcar e Algodão.

A maioria dos historiadores concorda que uma das primeiras famílias a se instalar nessas localidades foi a Bonfim, cujo descendente é o poeta, Paulo Bonfim. Daí o nome do bairro.

Fator importante para o progresso destas paragens foi a inauguração dos trilhos do bonde 8, em 1916, quando este veículo partia do centro da cidade da praça Visconde de Indaiatuba, percorria as ruas Gal. Osório, Andrade Neves, Dr. Mascarenhas e na altura do pontilhão da Mogiana, penetrava na governador Pedro de Toledo até o ponto final na esquina com a rua Alberto Sarmiento.

A Imprensa, nesta ocasião, divulgava a venda de terrenos próximos à linha do bonde nos altos do Bonfim, enaltecendo seus preços baratos e condições muito vantajosas para adquiri-los<sup>21</sup>. Entretanto, o bairro não possuía

(19) Resoluções, Leis e Actos promulgados durante o ano de 1913. Tipographia Casa Mascote, 1914, p. 62.

(20) Câmara Municipal. Resoluções, Leis e Actos, ano de 19131, p. 7.

(21) Diário do Povo, 3/06/1916.

uma estrutura previamente traçada. Porém, todos procuravam a rua principal, a atual Pedro de Toledo, uma espécie de estrada que partia do pontilhão da Mogiana e terminava na altura da rua Erasmo Braga. Aos poucos o bairro se estenderia com o seu contingente populacional para a direção do Castelo.

Foi somente na década de 40 que o bairro alcançou grande progresso quando muitas indústrias vão ser ali instaladas. As residências localizavam-se tanto na avenida principal onde trafegava o bonde, único meio de locomoção na época, como nas suas trinta e três ruas tanto paralelas como transversais, muitas delas tendo nomes de vultos campineiros ou nacionais. Digno de registro foi o nome dado a uma delas de Paulo Tansini, por determinação do prefeito Miguel Vicente Cury, a 2 de abril de 1949, como homenagem ao herói da Força Expedicionária Brasileira. Está situada paralelamente à rua Luís Gama.

## 4 - AVENIDAS E RUAS: ASPECTOS PITORESCOS

### AVENIDA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO

Antigamente chamada de Pará, em alusão ao grande Estado brasileiro que acolheu o maestro Carlos Gomes, quando este já cansado e doente retornou ao Brasil para viver os seus últimos dias. O prefeito, João Alves dos Santos, pela Lei nº 515, de 1937, deu o nome de Pedro de Toledo, como justa homenagem ao grande governador de São Paulo que, galhardamente conduziu o grande Estado durante os meses turbulentos da Revolução Constitucionalista de 1932.

Tal avenida, sendo a via principal do bairro constituía a grande saída em direção a Sumaré e Americana. A sua esquerda, de quem partia do pontilhão da Mogiana, o transeunte avistaria a colossal pista do Hipódromo do Bonfim. Mais adiante na mesma direção estavam localizados os depósitos imensos da **Standart Oil of Brazil**, para em seguida pegar a estrada da fazenda Roseira que passava sobre o pontilhão da Estrada de Ferro Paulista cujos trilhos corriam paralelos à avenida. Ainda neste local estavam os armazéns reguladores de café da firma Moreira e que hoje ficam na rua da Constituição.

Já a direita da avenida ficavam as ruas principais, tanto paralelas como transversais e que falaremos mais adiante.

A partir dos anos 40, a avenida Pedro de Toledo foi toda calçada de paralelepípedos deixando de ser uma “rua poeirenta” para adquirir uma nova

fisionomia. Em seu longo trajeto foi cercada de finos palacetes, modernos bangalôs, sobradões em cujas sacadas havia ricas floreiras e casas construídas diretamente na avenida. O cenário embora tenha sofrido inúmeras alterações, conserva ainda hoje as mesmas características de outrora.

Nas tardes de domingo, moços e moças faziam o tradicional “footing” nas imediações da Igreja Matriz. Naquele tempo, moravam na avenida, famílias tradicionais de muita importância para a vida econômica e social do bairro. É justo destacar algumas delas como: os Brandão, os Ferreira, os Carvalho de Moura, os Raposo, os Scaramuza, os Ceconelli, os Padula e os Pascoal. Esta última tinha um posto de gasolina e mais tarde fundaria uma Casa de Pneus com filiais em diversas cidades brasileiras. No lado par, após a rua Alberto Sarmiento, ficava o restaurante Fidalga, ponto de reunião das pessoas para um bate-papo<sup>22</sup>.

Dois outros pontos de reunião de pessoas naquela época eram: a Barbearia de Antonio Correia e a Farmácia dos irmãos Carvalho de Moura. Com relação a esta última, merece uma referência especial.

Localizada na avenida governador Pedro de Toledo e fundada em 1930, a farmácia Santa Rita teve como primeiro proprietário o sr. Sílvio Carvalhaes e alguns anos mais tarde seria adquirida pelo sr. Adorno Borelli.

Somente em 1939, o sr. José Carvalho de Moura Janio juntamente com o seu irmão Francisco compram o estabelecimento e nela permanecem como proprietários por mais de 30 anos quando resolvem vendê-la.

Sendo prático de farmácia, José Carvalho obteve a devida licença para exercer a profissão devido à falta de profissionais formados.

Com o surgimento das escolas de farmácia foram desaparecendo nossos antigos boticários. José Carvalho era muito zeloso em sua profissão, quer na arte de manipular e aviar receitas, quer na prescrição de remédios, suprimindo, muitas vezes, a falta de médicos.

Sua farmácia era muito bem organizada, tanto na sala de recepção aos fregueses como a do fundo, onde havia uma cômoda e sobre ela, as prateleiras fechadas com portas envidraçadas. Nelas eram guardados os cálices, os funis e pistilos, espátulas, frascos e também os sais e as tinturas, usados no preparo das fórmulas farmacêuticas. Estas eram tiradas da **Farmacopéia** ou do famoso **Formulário de Chernovizque**, além de ensinar a arte de manipular, servia como guia médico indicando os remédios para cada doença.

---

(22) Depoimento de Conceição Machado Lomo

José Carvalho aplicava injeções, fazia curativos, incluindo pequenas suturas, receitava de vez em quando e já se aventurava na arte de manipular.

Em 1960 passa a ser chamado de “oficial de farmácia” e assim fazer parte dos Conselhos Federal e Regional por força da lei 3.820 de 11 de novembro daquele ano. Será agora farmacêutico provisionado com responsabilidade técnico-profissional em sua farmácia.

Fazendo da profissão um sacerdócio, José Carvalho tinha um carinho todo especial pelo Laboratório da farmácia. Para isto adquiriu material necessário à melhoria das condições de preparo das fórmulas farmacêuticas: vidraria, gral, espátulas, pilulador, cacheteira, livro de receituário, armário para guardar medicamentos controlados, enfim, todo o equipamento de uma farmácia de manipulação. Ao modernizar o seu estabelecimento, sua preocupação agora era na compra de livros e assinatura de jornais e revistas para manter-se sempre atualizado.

Os periódicos mais consultados eram **A Gazeta da Farmácia** e o **Farmacêutico Brasileiro** editado pela Bayer, que respondia cartas de farmacêuticos de todo o Brasil, esclarecendo dúvidas sobre diversas assuntos, desde terapêutica até as mais complexas operações farmacêuticas. Os cinco volumes do livro **Formulário Magistral de Terapêutico** do Dr. Urias A. Silveira, edição de 1914, eram avidamente consultados, pois continha milhares de fórmulas e eficazes métodos de tratamento.

Nas décadas de quarenta e cinquenta, uma presença obrigatória no cenário da farmácia era a figura do viajante de drogas. A sua chegada era motivo de alegria, pois trazia novidades desde prospectos de propaganda de remédios às amostras grátis e brindes que os laboratórios davam freqüentemente como folhinhas e almanaques. Diferentes das folhinhas, os almanaques vinham em maior quantidade e eram ansiosamente esperados pela freguesia. Lançados em grandes tiragens pelos laboratórios a fim de promoverem os produtos que fabricavam, os almanaques alcançaram milhões de leitores em todo o Brasil e se tornaram tão populares que é impossível imaginar uma farmácia daquela época sem a existência dessas publicações. As pessoas mais velhas ainda se lembram dos almanaques como: **Phimatosan, Saúde da mulher, Moura Brasil, Capivarol, Biotônico Fontoura**, para citar alguns.

As rodas de bate-papo eram bastante animadas, nas décadas de quarenta e cinquenta, quando viveriam seu período mais florescente. Eram

constituídas por pessoas influentes do bairro. Ali, se discutia de tudo, desde política, futebol, clima, festas, religião até fofocas e piadas<sup>23</sup>.

Durante muitos anos foi assim. Apenas os personagens foram mudados. Alguns mais idosos contavam fatos, testemunhando às novas gerações de freqüentadores, experiências e estórias da comunidade, vividos ou contados na farmácia.

É inegável que a Medicina tem avançado no campo da farmacologia, melhorando em muito nossa perspectiva de vida e por isso não gostaríamos de voltar àqueles tempos nebulosos. É claro que a farmácia perdeu aquela aura de romantismo dos velhos tempos. Entretanto, o que dá pena, é verificar que muitas das nossas atuais farmácias viraram supermercados cuja preocupação maior é o lucro fácil, ganancioso.

## PORTUGUESES

Segundo o depoimento de uma antiga moradora do bairro, quando os portugueses se estabeleceram no início do século, provenientes da imigração dedicaram-se inicialmente ao cultivo da terra, plantando verduras e flores. Possuíam eles também vacas leiteiras, cabritos, aproveitando as encostas do Bonfim, daí fazer parte do cardápio o célebre “cabrito ao vinho”

Era comum verem-se esses verdureiros e leiteiros durante a manhã percorrerem as ruas do bairro, os primeiros com carrinhos puxados por um animal, carregados com verduras de diversas qualidades e, os segundos, os leiteiros, com latões de folha de flandres às costas e a tiracolo numerosas canecas de tamanhos variados. Entre esses vendedores de leite haviam também os desonestos que adicionavam água ao leite ou alteravam as medidas, e, vez por outra, quando os fiscais da Prefeitura faziam diligências de fiscalização para conferir o teor de leite ou a capacidade das medidas esses maus comerciantes então fugiam, deixando no local suas latas e medidas que eram recolhidas ao depósito da Prefeitura.

Tinham esses portugueses o seu próprio modo de vida, à parte dos moradores do bairro, porque os costumes e língua diferentes dos alemães eram um impecilho, naqueles tempos de pouca instrução e quase nenhum convívio social. Cuidavam eles de suas chácaras e criações, trabalhando durante a semana toda nessa lida pesada e bruta, de manhã à noite, uns como patrões,

(23) Depoimento de José Carvalho de Moura Janio

outros como empregados, procurando amealhar um dinheiro para um dia “ir à terrinha” matar saudades, ou preparando um futuro melhor para si e sua família, não se envolvendo em assuntos que não fossem de seus patrícios.

Era muito comum ouvir-se toda a tarde dos domingos, vindos das chácaras os acordes das músicas desses portugueses, dando vaza a sua nostalgia em guitarras ou sanfonas de oito baixos. Com o andar dos anos foram eles se espalhando e, depois, aos poucos essas chácaras foram se extinguindo para dar lugar às habitações que iam surgindo, com o aumento populacional do bairro. Seus descendentes já com mais instrução, não quiseram seguir o duro trabalho de seus pais, preferiram o comércio, o trabalho de artífices ou profissões liberais e se integrando com os outros habitantes do bairro. Aos poucos esses descendentes de portugueses começam a monopolizar todo o comércio, montando padarias, armazéns, lojas, quitandas e bares. Todo o comércio estava circunscrito praticamente na avenida governador Pedro de Toledo.

No Bonfim não havia luminoso. O centro da cidade já tinha gás Neon, placas iluminadas com lâmpadas de manga para cima. Contudo, todos sabiam onde ficavam os açougues, a farmácia, os barbeiros, as oficinas de carrocerias e de automóvel e a loja de armarinhos. Não havia competição. A única que existia era entre as padarias, cada uma querendo mostrar novidades.

O português, Raul Brandão com seu armazém se destacava na paisagem com seu imenso bigode, empilhando relhas de bacalhau ou latas de sardinha, ajeitando os sacos de arroz ou feijão com a caneca de um litro por cima, pois estes gêneros eram vendidos a litro inicialmente. Muito mais tarde passa a serem vendidos por quilo. Outros portugueses como João Jorge Figueiredo e Manoel Dias estavam estabelecidos na avenida, o primeiro com seu estabelecimento fabril e o segundo com sua fábrica de balas.

Os portugueses constantemente se visitavam nos anos 40 e em cada residência se fazia um mutirão familiar uma vez ao ano para matar o porco, fazer chouriço, derreter a banha e acondicionar a carne frita em grandes latas para consumo durante os meses seguintes, pois geladeiras, só aquelas de madeira, no armazém da esquina.

Famosas foram as festas proporcionadas pela família Correa, especialmente as de aniversário quando os seus membros se reuniam para as grandes confraternizações.

É preciso destacar também as ruas do Bonfim próximas a governador Pedro de Toledo. Por exemplo: as paralelas principais destacamos: Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, Santana Gomes e Emílio Henking. Nas

transversais temos: Luís Gama, Germânia, Teodoro Langaard, Alberto Sarmento, Rafael Sales e Júlio Ribeiro, para citar algumas. Estas foram praticamente as primeiras vias do Bonfim e todas apedregulhadas em direção ao bairro Castelo. Receberiam o asfalto somente nos anos 50.

A seguir analisaremos algumas delas pela sua importância econômica e social, bem como de seus vultos que deram o seu nome a elas.

## RUA GERMÂNIA

Como o próprio nome indica era considerada a rua dos alemães, porque nela realmente viviam várias famílias germânicas como os **Schawart, os Demmel, os Wolfgang e os Moeller**. Algumas eram recém-chegadas da Alemanha fugindo dos horrores nazistas e que se ambientaram muito bem no início da Segunda Guerra Mundial. Eram muito unidas pela nacionalidade, porém amigas e muito prezadas pelos vizinhos. Apesar de tudo isto, durante a fase final da guerra, quando os aliados fizeram uma grande ofensiva sobre os alemães, a placa indicativa da rua foi retirada e guardada em um local da Prefeitura Municipal com a finalidade de evitar conflitos com as famílias alemãs. Terminada a guerra, foi recolocada no seu lugar.

Mas, voltando a estas famílias alemãs, estas levavam uma vida modesta, calma, dedicando-se a pequenas empresas e muitos de seus membros eram empregados nas fábricas do bairro. Todos eram de confissão luterana e, por isso, freqüentavam a igreja da cidade. Alguns eram associados do Clube Concórdia e gostavam de jogar boliche.

Todos gostavam de Música. Era comum nas tardes de sábado eles se reunirem na residência do sr. Max Demmel, professor e violonista, para ouvirem os grandes mestres da música erudita, proporcionados pelo próprio Demmel e sua esposa d Margarida. Também na residência do sr. Ernest Wolfgang, D<sup>a</sup> Vela, sua esposa, cantarolava **lieder** sentimentais, além de oferecer chá com biscoitos. Lembro-me bem que nesta casa vizinha à nossa as paredes estavam forradas de belos desenhos de artistas alemães.

O ponto centralizador da rua Germânia era a fábrica de tecidos e elásticos de propriedade do sr. Hermann Landwarkamps, que residia na cidade, porém, tinha familiares no Bonfim. Suas instalações eram modernas para a época, com um prédio majestoso ladeado por um portão de ferro onde entravam e saíam os operários, a maioria habitante da própria rua. Toda

esta agitação gravitatoria em torno dela com seu apito anunciando a entrada e saída dos operários.

João do Rio, famoso escritor brasileiro, dedicou todo um livro ao que chamou de **Alma Encantadora das Ruas**. Para ele existem ruas sinistras, trágicas e românticas. Penso que a rua Germânia se ajusta a esta última. Recordo-me bem que nela havia residências bonitas, espaçosaas, com imensos quintais cobertos de mangueiras, abacateiros, Iaranjeiras e videiras.

Como passei praticamente a minha infância nesta rua, ela foi palco de grandes recordações. Com alguns meninos, formávamos um grupo muito unido como o Nelsinho, o Pedrinho, o Airton e o Tae para lembrar os mais chegados. Brincávamos despreocupados nesta rua ainda de terra, jogando futebol, andando de bicicleta e patineta ou rodando o arco.

Fazíamos coleções de figurinhas de jogadores de futebol, com album e tudo. Comprávamos as balas com as figurinhas, mas também ganhávamos muitas figurinhas no conhecido “jogo do bafo” que consistia em colocar duas ou mais figurinhas de cara virada para baixo e com a mão em concha tentávamos fazer vácuo e na batida levantar a figurinha de cara para cima - figurinha virada, era figurinha ganha. Figurinha difícil era aquela que tinha um alto-relevo ou carimbo na cabeça de um jogador famoso que podia ser o Oberdam ou o Waldemar Fiume, por exemplo. Valia mais que muitas figurinhas fáceis. Na esquina da rua Germânia com a governador Pedro de Toledo havia um ponto de encontro onde os meninos trocavam muitas figurinhas por uma carimbada. De posse destas figurinhas preenchíamos o album e quando este ficava pronto íamos trocá-lo por um brinde que podia ser uma bola de futebol, na época chamada de “capotão” porque era costurada de couro e amarrada com barbante ou uma bicicleta, mas na verdade era por uma bola de futebol, porque para ganhar bicicleta o mínimo necessário de albums preenchidos era tão grande que poucos no Bonfim, conseguiam este prêmio. É possível que muito garotão, na ocasião, ia se confessar no Sábado e comungar no Domingo, para ver se tirava uma figurinha carimbada.

Outra diversão à qual estávamos entregues era o cinema. Pegávamos o bonde todos os domingos após o almoço e íamos para as famosas “matineés” do Cine São Carlos, no centro da cidade, para assistir a filmes famosos e seriados onde brilhavam os heróis das histórias em quadrinhos como o Capitão Marvel, Capitão América, Nioka, Arqueiro Verde e outros.

Um costume pitoresco que nos chamava a atenção na rua Germânia era a presença das lavadeiras. Não havia casa onde não houvesse roupa no varal. Própria e dos outros. Muitas donas de casa reclamavam dos roubos

freqüentes. Muito considerada era a chamada lavadeira de fora, pois lavava a roupa para famílias de outros bairros. Quando as freguesas eram do próprio bairro ganhava-se uma miséria porque todos sabiam do preço. Mas quando as freguesas eram de outro bairro, os preços subiam e muitas lavadeiras ganhavam bem. A roupa era trazida na cabeça. Se fosse suja a trouxa era redonda. Já a roupa limpa e passada, a trouxa era quadrada envolvida num lençol limpo de casa. Lavar a roupa tinha um segredo. Não importava muito sabão e sim “surrar” a roupa sobre uma pedra. Depois a roupa era estendida no sol e ao entardecer era recolhida pelas meninas. À noite as mães passavam a roupa com aqueles ferros aquecidos com brasa.

Famosas eram as costureiras do Bonfim. Para elas costurar para freguesas de outros bairros, como o Cambuí, na época o mais rico da cidade com famílias de grande poder aquisitivo - significava ascensão social e uma boa oportunidade de cobrar mais caro o feitio.

## **RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO**

Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920) foi médico de fama internacional. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888, com a tese **Coxalgia, formas clínicas, diagnóstico e tratamento**. A ele devemos a primeira gastrectomia total realizada no Brasil. Foi diretor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e catedrático de clínica ginecológica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Nesta rua moravam famílias tradicionais como os Gadioli e os Ferrarezi.

## **AVENIDA ALBERTO SARMENTO**

Alberto Sarmento nasceu em Moji-Mirim a 10 de abril de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1927. Muito honrou a profissão de jornalista militando na imprensa campineira por muitos anos defendendo nobres causas, especialmente na questão do abolicionismo. Em Campinas sua obra de filantropo foi notável, pois foi um dos fundadores do Asilo de Inválidos, do Asilo de Órfãos, da Associação Protetora dos Pobres e ainda a Liga Operária. Foi vereador em 1890 e Deputado Estadual em 1897, sendo

reeleito em 1909. Graças à sua iniciativa foi criado o Distrito de Sosas a 24 de junho de 1896.

Pela lei n 2001, de 4 de março de 1959, a Prefeitura Municipal cedeu terrenos para o alargamento desta via, a ponto de tornar-se uma das principais avenidas do bairro. A partir de 1945 tal avenida abrigou a Indústria Brasileira de Artefatos de Ferro de propriedade do sr. Paulo Nehring, hoje desativada.

### **RUA RAFAEL SALES**

Nasceu em Salvador, Bahia, a 24 de outubro de 1853 e faleceu em Campinas a 14 de novembro de 1923. Foi farmacêutico e filantropo. Fundou o Clube Semanal de Cultura Artística e muito auxiliou a Associação Protetora dos Pobres. Não deixando prole, sua fortuna foi doada à Santa Casa, Asilo de Inválidos e Asilo de Órfãos.

### **RUA ERASMO BRAGA**

Erasmo Braga (1877-1932) foi professor do Seminário Teológico e do Ginásio do Estado e membro fundador da Academia Paulista de Letras. Exerceu também uma ação pastoral em diversos municípios do Brasil. Escreveu obras didáticas, como os livros da “série Braga” e um glossário da língua hebraica, talvez a única publicação do gênero em nossa língua. Em 1933, pelo ato nº 48, o prefeito municipal, Alberto de Cerqueira Lima homenageou-o dando o seu nome a uma rua do Bonfim. Um dado interessante desta rua é que nos anos 30 ela foi palco de corridas de cavalo<sup>24</sup>.

### **RUA JÚLIO RIBEIRO**

Júlio Ribeiro (1845-1890) notabilizou-se como escritor, polemista, jornalista e professor, além de defensor do abolicionismo e

(24) Diário do Povo, 7/9/1982.

propagandista da República. Sua obra literária mais conhecida. **A Carne** levantou grande celeuma nos meios literários de todo o país pelo seu naturalismo exacerbado.

### **RUA TEODORO LANGAARD**

Notável médico dinamarquês, nascido em Copenhague em 1813 e falecido no Rio de Janeiro em 1883. Durante muitos anos residiu em Campinas onde chegou a ser vereador de nossa Câmara Municipal. Foi autor do livro **Dicionário de Medicina Doméstica e Popular** de grande repercussão aqui e no exterior.

### **RUI LUÍS GAMA**

Luis Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) foi notável escritor e poeta brasileiro. O pai vendeu-o como escravo e graças à sua tenacidade fugiu da casa do seu senhor e conseguiu formar-se em Direito.

Como advogado conseguiu a libertação de mais de quinhentos escravos. Sua fama cresceu de uma forma tal que foi um dos redatores do jornal **Radical Paulistano** e um dos oradores do Clube Radical Paulistano. Somente após a sua morte é que suas poesias políticas e satíricas foram publicadas.

### **RUA SANTANA GOMES**

Santana Gomes (1839-1908) foi compositor e regente de orquestra do teatro São Carlos em Campinas. Não tanto impetuoso como seu irmão Carlos Gomes, entretanto, compôs um prelúdio para a Pastoral com letra de Coelho Neto, além de duas óperas, *Alda* e *Semira*, ambas inéditas, sendo que esta última ficou inacabada devido ao seu falecimento. Santana Gomes era muito conhecido em Campinas, por suas várias atividades no campo musical como a Loja de partituras, Harpolina Musical, a banda formada por músicos ligados ao comércio, a orquestra que ele regia, as apresentações no Clube Semanal e a participação no carnaval e festas religiosas.

## RUA EMÍLIO HENKING

Professor de Português e Matemática do Colégio Culto à Ciência. Era casada com Joaquina Gomes, célebre concertista de piano e irmã de Carlos Gomes, Emilio fixou-se mais tarde, em Valinhos onde abriu uma Farmácia, exercendo muitas vezes o papel de médico ao aliviar o safrimento de seus pacientes. Vítima da inveja e incompreensão dos médicos locais, retirou-se para Sacramento, no interior de Minas Gerais onde veio a falecer<sup>25</sup>.

### 5 - INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TRANSPORTES

Em Campinas podemos dizer com segurança que não houve desenvolvimento industrial até a sétima década do século XIX, isto porque as culturas açucareira e cafeeira eram por demais afeitas à escravidão, não exigindo muito em matéria de mecanização.

Entretanto, isto não quer dizer que não houvesse até aí tentativas, algumas coroadas de pleno êxito, como aquela empreendida pelos irmãos Bierrembach, em 1857, quando fundam na cidade uma fábrica de chapéus, no bairro de Santa Cruz, ocupando um pessoal diário de 50 a 60 operários, com a assistência de chapeleiros europeus, como o alemão Johann Ziegleder.

O progresso foi tal que em 1867 a firma importaria da Inglaterra uma máquina a vapor, a primeira do interior de São Paulo; em 1873 vai ser criada uma fábrica de máquinas para beneficiar café, chegando a mesma a obter prêmios na Exposição Agrícola do Rio de Janeiro, em 1875, e na de Filadélfia no ano seguinte<sup>26</sup>.

Altamente realizadores, os irmãos Bierrembach fabricam carros, carroções, troleis e negociam com madeira, mantendo também uma fábrica de descarregar algodão. Um dado interessante é que os escravos chegavam a ser remunerados pelos serviços prestados.

Já ao final do século passado, Campinas passa por um surto industrial e alguns fatores explicam esse fenômeno. Por exemplo: a grande quantidade de capital de origem cafeeira; uma mão-de-obra com base na

(25) Monteiro Filho, João Gaetano. Quem foi quem nas ruas de Campinas. Exemplar mimeografados, 1990.

(26) Castro, Noêmia Bierrembach de. O Centenário de uma Indústria Campineira. Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes (64), 1956-1957, p. 56.

experiência artesanal dos imigrantes e seus descendentes; um mercado representado pela própria cidade assim como pelas novas frentes pioneiras do café carentes de abastecimento e finalmente uma circulação para os seus produtos grandemente facilitada pelas ferrovias como a Paulista e a Mogiana.

Em 1858, em terras do Bonfim, foi instalada a indústria de fundição de Faber & Irmão, de propriedade do alemão de Berlim, Luís Faber, com capitais provenientes das rendas do café. Os seus operários fabricavam enxadas, arados, serras verticais e circulares, além de consertar todo e qualquer tipo de máquinas de lavoura importados da Europa ou das casas do Rio de Janeiro. A maioria desses operários era de descendência alemã, vindos ao Brasil movidos pela propaganda que a “Agência de Imigração” do fazendeiro Joaquim Bonifácio do Amaral, proprietário da fazenda Sete Quedas, fazia em Holstein, quando pretendia introduzir em sua lavoura, o “trabalhador livre”.

Direcionados inicialmente aos trabalhos rurais, muitos destes trabalhadores consideravam estes trabalhos por demais humilhantes e servis, em um país onde sempre fora desempenhado pelos negros escravos. Pouco depois abandonam os campos e vão engrossar as fileiras de uma classe artesanal em Campinas, contribuindo, desta forma, a formar o operariado campineiro.

A firma Faber & Irmão exerceu notável influência na vida industrial da cidade que outras firmas vão surgir como a Fundação de Ferro e Bronze, em 1868, de Sampaio Peixoto, no Cambuí, a de Pedro Anderson & Cia, em 1870, instalada à rua José de Alencar, tendo realizado quase todos os trabalhos de construção da Companhia Paulista, a Fundação de Guilherme Mac Hardy, localizada na rua Andrade Neves, girando com capitais cafeeiros e distribuindo máquinas e instrumentos agrícolas. Finalmente a firma Lidgerwood, filial das fábricas do Rio de Janeiro e São Paulo. Situada no largo da Estação da Paulista teve suas instalações ampliadas para serralheria, dando ao quarteirão um aspecto industrial, onde cada setor apresentava um tipo de arquitetura.

Aos poucos Campinas começa a se industrializar graças ao capital proveniente do comércio cafeeiro e segundo Miguel Alves Feitosa no período de 1857 a 1879, foram instalados 18 núcleos fabris<sup>27</sup>.

A verdade é que na maioria desses núcleos fabris imperava o artesanato, entregue a oficiais alemães voltados ao maquinismo quase que na sua totalidade. A preferência pelas máquinas agrícolas estava no ideário de Campos Sales, que nesta altura, achava que as condições do solo campineiro era propício para este tipo de investimento.

(27) Feitosa, Miguel Alves. A Volta da Exposição. s. ed., 1886, p. 118.

A população campineira tinha um grande preconceito contra a indústria, pois achava que as fábricas eram nocivas à saúde e que a região sendo uma área agrícola, não estava fadada ao desenvolvimento industrial<sup>28</sup>.

Contudo, ao findar a década de 70, a região possuía 62 indústrias<sup>29</sup> desde máquinas para lavoura, com fundição de ferro e bronze, até fábricas de cerveja, produtos alimentícios, chapéus, móveis e selaria. Neste último ramo teve importância o estabelecimento de Anastácio Cabral, fundado em 1878 e que muito contribuiria para o desenvolvimento da indústria de curtume em Campinas.

A partir de 1910 o Bonfim que já tinha uma função industrial, vê aumentar sua capacidade quando os industriais perceberam a vantagem de comprar extensos lotes de terra, especialmente ao longo da ferrovias Paulista e Mogiana, que os colocava em contato com o mercado e os estabelecimentos comerciais da cidade e do interior e, ao mesmo tempo, com o porto de Santos.

A indústria passa a ocupar grandes espaços no Bairro e, ao mesmo tempo estimula a ocupação dos espaços restantes com moradias operárias. É o caso por exemplo da instalação de uma das filiais da indústria de João Jorge Figueiredo, com sua fábrica de pregos e parafusos, aliás, a primeira a ter água encanada mediante a resolução nº 522, do prefeito Heitor Penteado, a 26 de maio de 1917<sup>30</sup>.

Na década de 40 novas fábricas vão ser instaladas, principalmente nos ramos da tecelagem e artefatos de ferro. Podemos mencionar duas firmas importantes e já citadas: a Fábrica de Tecidos e Elásticos, na rua Germânia, de propriedade do sr. Hermann Landwekamp, cuja produção era endereçada aos mercados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná e com mais de 100 operários. A outra, era a firma do sr. Paulo Nehring, criada em 1945, dedicada a artefatos de ferro, situada na avenida Alberto Sarmento com grande capacidade de produção. Ambas, infelizmente estão desativadas.

## COMÉRCIO

Em matéria de comércio, o bairro Bonfim apresentava uma condição razoável. A influência dos portugueses foi incontestável, daí o grande número de estabelecimentos comerciais, especialmente no ramo de secos e molhados

(28) Gazeta de Campinas, 8/5/1873.

(29) Cf. Hypolito da Silva (ed) Almanack Popular para o anno de 1878, s. ed. 1878, p. 110.

(30) Câmara Municipal. Leis, Resoluções e mais Actos, promulgados durante o anno de 1917. Typographia Casa Mascote, 1918, p. 67.

mediante a compra pelo sistema de cadernetas com pagamento no final do mês. Destacava-se o armazém de Raul Brandão, já citado, assim como o dos irmãos Perez, ambos na avenida principal.

Não podemos esquecer a importância da colônia libanesa que com o seu comércio de armarinhos muito contribuiu para o desenvolvimento comercial do bairro. Sabe-se que a primeira loja de tecidos foi a do sr. Alexandre Hadad também na avenida com grande afluência de fregueses.

As padarias, farmácias, barbearias e sapatarias funcionavam como pontos de encontro de amigos, para intercâmbio de idéias, locais onde se colocavam as notícias do dia, ouviam-se casos e histórias. Os barbeiros sempre foram eméritos contadores de caso. Se você quisesse saber de alguma “fofoca” nada como passar nestes estabelecimentos.

Local de muito movimento foram as oficinas mecânicas, em número pequeno, é verdade, porque naquela ocasião, poucas famílias se davam ao luxo de possuir automóvel. Nelas consertava-se de tudo, desde automóveis, até bicicletas, aparelhos domésticos como geladeiras e máquinas de costura.

Na rua da Constituição despontavam os armazéns reguladores de café do Moreira, hoje sede da Companhia Brasileira de Entrepósitos e Comércio (Cobec).

A 12 de julho de 1926, o prefeito municipal Orosimbo Maia autorizou a instalação do depósito de gasolina da Standart Oil Company of Brazil às margens da ferrovia Paulista, isentando-a do pagamento de impostos pelo prazo de 10 anos, desde que o valor da construção não fosse inferior a 350 contos de réis<sup>31</sup>. Com o comércio da gasolina o bairro teve o seu primeiro posto de abastecimento que foi o do sr. Antonio Malfatti situado na avenida principal e que felizmente ainda existe.

## TRANSPORTES

O Bonfim sempre foi um bairro privilegiado no tocante ao transporte ferroviário, cortado pela Companhia Paulista, Mogiana e um ramal da Sorocabana, quer no transporte de cargas, quer no de passageiros. As estações ferroviárias fervilhavam de passageiros assim como de mercadorias

(31) Câmara Municipal. Leis, Resoluções e mais Actos, promulgados durante o ano de 1926. Companhia Stella Limitada, 1927, p. 41.

que precisavam ser transportadas. A antiga estação da Mogiana, hoje depósito de Cimento Itaú, chamava a atenção das pessoas pela beleza de suas linhas arquitetônicas.

Porém, o meio de transporte dos moradores era o bonde, linha 8. Já comentamos o seu trajeto. Nesta época, pouca gente possuía automóvel e os ônibus coletivos apareceriam muito mais tarde e, em razão disso, nas horas de “pico” os bondes transitavam apinhados. Era perigoso viajar nos seus estribos por causa dos inúmeros acidentes.

O bonde era um atrativo para a população. O motorneiro fazia “dlém-dlém” com o pé para apressar o passageiro que subia ou descia e o cobrador puxava uma cordinha que dava o sinal para partir e os passageiros também a usavam para parar o veículo. Subir no bonde, onde fosse, sem pagar, era um desafio internacional que devia ser enfrentado a sério.

Para muitos dos campineiros, sobretudo aqueles mais idosos a lembrança dos bondes, agitados e barulhentos eram vias permanentes da memória. O folclore e as lembranças sobre os velhos carros de ferro que povoavam canções e adágios populares de décadas passadas conta a história desse meio de transporte. De vez em quando surgiam pequenos acidentes com os célebres “descarrilamentos” e as pequenas avarias dos veículos ou os problemas surgidos na rede aérea se resolviam com a chegada dos bondes da oficina mecânica ou de equipamentos de manutenção. Eram conhecidos simplesmente como carros de serviço com equipamentos importados. Excepcionalmente, participavam do assentamento de postes e do atendimento aos grandes acidentes.

Durante muito tempo no limite do bairro Bonfim com o da Vila Industrial, no cruzamento da rua Dr. Mascarenhas com a rua Pereira Lima, hoje praça Aldemar Tavares, quando os bondes dos dois bairros se cruzavam, os passageiros, principalmente estudantes, trocavam improperios, por causa da grande rivalidade que havia entre os dois bairros. Era comum os estudantes da Vila Industrial gritarem “cerca bode” ao pessoal do Bonfim. Este retribuía com o epíteto “bucheiro” aos passageiros da Vila Industrial. Esta rixa vinha desde a década de 30 e perdurou até o início dos anos 50. Por que tudo isto? Devido à existência da planta conhecida como barba de bode que havia em grande quantidade nas terras do Bonfim<sup>32</sup>. Enquanto que o habitante da Vila era conhecido como bucheiro em alusão ao seu curtume e pelo fato da presença

---

(32) A barba de bode era palha útil para se fazer colchões. Muitas vezes os homens tinham que usar bengalas ou paus para tirar o mato do caminho.

de imigrantes italianos ou descendentes que com suas carrocinhas, vendiam carne, lingüiças e toucinho fresco ou defumado.

Quase não havia calçamentos nas ruas do Bonfim no início do século, como vimos, com exceção da avenida Governador Pedro de Toledo. Com a abertura das ruas a população tinha que enfrentar o problema da poeira. Verdadeiras nuvens, levantadas à passagem dos carros, charretes e bicicletas, atormentavam passageiros, transeuntes, moradores e comerciantes. Como eram constantes as reclamações, a Prefeitura não tinha outra alternativa senão providenciar carros-pipa, providos de irrigadores, que entravam em ação nos piores momentos de estiagem. Assim aconteceu de 1910 a 1950.

Mas o que era apenas um serviço oferecido pela Prefeitura muito cedo se tornou uma exigência da comunidade<sup>33</sup>; fato que levou a Prefeitura a firmar contrato oneroso para que a irrigação fosse feita regularmente e duas vezes ao dia. Incluía, ainda, a limpeza das ruas depois das feiras ou concentrações populares, e os carros eram considerados como auxiliares das brigadas contra o fogo.

## 6 - VIDA RELIGIOSA

### PARÓQUIA DE BOM JESUS

A vida religiosa do bairro teve um grande impulso com a inauguração da capela dedicada a Bom Jesus do Bonfim, por iniciativa de várias famílias. A igreja foi erguida pelo cônego Samuel Fragoso e pertencia canonicamente à paróquia do Sagrado Coração de Jesus do bairro Botafogo. O movimento religioso cresceu de tal forma que a capela tornou-se pequena. Foi organizada uma comissão de pessoas influentes da comunidade para pedir junto à Diocese, após vários encontros com o bispo D. Francisco de Campos Barreto, a criação da paróquia. Após várias reuniões, finalmente, a 30 de junho de 1942 com a presença do novo bispo diocesano, D. Paulo de Tarso Campos, era solenemente instalada a paróquia<sup>34</sup>, sendo o primeiro pároco, o padre Roque Francisco Neto.

(33) Depoimento de José Pensuaski.

(34) Poliantéia do Cinquentenário da Diocese de Campinas. Livro Gráfica Edit. Ltda, 1958. s/p.

## ASPECTOS DA VIDA PAROQUIAL

O que nos chama a atenção segundo o relato de pessoas e da imprensa da época foi a riqueza da vida paroquial a começar pelo movimento mariano a partir da década de 40. Além do aprimoramento espiritual que cada um deveria buscar na vivência dos princípios cristãos, aquela juventude participava coletivamente das manifestações públicas da igreja dando testemunho de plena adesão aos seus postulados. Os jornais da época ilustram com fatos noticiários e fotografias a presença de jovens nas concentrações públicas, quer fossem procissões, sobretudo à Virgem Maria e ao Senhor Bom Jesus - missas solenes, congressos, semanas de estudo, enfim tudo quanto exigisse deles a confirmação de sua vida cristã.

O padre Nazareno Maggi esmerava-se na celebração das solenidades da Semana Santa. Cumpria a liturgia tanto quanto lhe permitiam as condições e recursos da paróquia. Convidava os padres redentoristas para pregar na Semana das Missões, assim como nas confissões e no cerimonial evocativo da Paixão de Cristo. Contava também com a participação dos marianos no Ofício de Trevas, quer no coro, quer nas leituras em cantochão.

Naquele tempo Semana Santa não era pretexto para turismo. Desse modo, praticamente o bairro todo, mesmo aqueles mais afastados da religião acompanhavam o cortejo ou se postavam nas calçadas ao longo de todo o percurso para reverenciar a passagem do Senhor Morto, ou simplesmente por mera curiosidade.

Todo o ritual ortodoxo da Quinta-feira Santa e Sexta-feira da Paixão era organizado pela zeladora da igreja, Argentina Maria Ceconelli, que havia sido religiosa em Minas Gerais. Sua dedicação era tal que muitas vezes prejudicava sua própria saúde. É claro que contava com a colaboração dos jovens que sentiam um enorme prazer na ornamentação dos andores e outras cerimônias.

Muito interessante era a malhação dos Judas. Desde a madrugada de Sábado, todos preparavam o Judas, para ser malhado ao bater do sino da igreja ao meio-dia.

Os homens preparavam todos os tipos de Judas, mas o sentido era de efetivamente malhar o Judas Iscariotes, o traidor de Cristo, sem nenhum outro simbolismo. A preparação era muito séria, com muito esforço dispendido para construir o boneco, arrumando trapos, palha seca e serragem de marcenaria para encher braços e pernas do Judas de pano.

As mulheres, por sua vez, estavam preocupadas em preparar roupas para a procissão. Na Semana Santa as máquinas de costura zuniam para aprontar as batas de lamê branco, cor de rosa e azul, sobre as quais deviam se pregar armações de arame com penas brancas para preparar os anjos da procissão.

O coral da igreja era organizado pela organista, Dalila Assumpção Leite Battistoni com a participação dos violinistas, Thomas Morato do Canto e Messias Dutra de tradicional família de artistas de Piracicaba, o violoncelista, Luís Monteiro e os organistas, Antonio Brandemburgo e Vitalina Rosatelli<sup>35</sup>.

Além das procissões da Semana Santa havia mais duas: a da coroação de Nossa Senhora no mês de Maio e a do Bom Jesus no mês de Agosto, padroeiro do bairro.

Por ocasião da festa do padroeiro havia uma quermesse montada uma semana antes. As pessoas que a montavam levantavam arcos quadrados de madeira com ripas pregadas para segurar as colunas de cada lado da rua. Sobre as ripas se esticavam fios de eletricidade e nos arcos se acendiam muitas lâmpadas.

Durante a quermesse o padre se reunia com grupos de pessoas de ruas diferentes, ou de situação econômica diferente. Planejava como organizar as barracas e quem iria arrecadar no bairro e fora dele contribuições para tal evento.

A contribuição de que o padre falava, podia ser em trabalho ou espécie. Dai os homens do Bonfim arregaçarem as mangas para pregar tábuas, parafusar soquetes, pintar ripas e fazer ligações de fios. As mulheres se comprometiam a pedir dinheiro ou objetos que servissem de prendas nas diferentes barracas.

Após semanas de preparo, a avenida governador Pedro de Toledo aparecia iluminada nas imediações da igreja pelas lâmpadas que eram pregadas sobre ripas rodeando a porta da igreja e as saliências das paredes. As barracas então eram montadas e o povo inteiro vinha à noite jogar tômbola, acertar argolas em garrafas de vinho, fazer sorteio de bordados e de trabalhos de crochê, comer pizza em prato de papel, sardinhas e ouvir alto-falantes iguais aos do carnaval tocando marchas e dobrados.

(35) Depoimento de Joaquina Assumpção Leite de Oliveira.

A competição entre as barracas era grande. Quem iria arrecadar maiores lucros para a igreja? A seqüência era avaliada dia a dia e cada vez havia maior animação.

A quermesse tinha muitas vezes atrações artísticas como tenores, barítonos, sambistas e passistas que faziam sua exibição num tablado e era um não acabar de alegria. A quermesse durava uma semana e durante o dia os habitantes se ocupavam muito com os planos e resultados das noites.

Hoje quase não há procissões suntuosas em Campinas. A complexidade da vida moderna numa metrópole como esta em que se transformou o modesto núcleo de Barreto Leme de 1774, não permite a ocupação das ruas pelo povo a que foram destinadas. No entretanto de forças contrárias, a procissão pacífica dos fiéis foi alijada pela procissão agressiva das máquinas.

Uma cerimônia religiosa que despertava curiosidade era o casamento. Muitos queriam conhecer os noivos, como se vestiam, assim como os padrinhos e familiares. Normalmente o casamento era celebrado às cinco horas da tarde, no altar sempre enfeitado de flores-lírios ou margaridas de acordo com a condição social dos conjugues. Com exceção da quaresma, em todos os Sábados havia casamento.

Casamento de papel passado como mandava a regra. No Bonfim não havia Juiz de Paz para realizar o casamento civil. Os proclamas, de acordo com a lei eram feitos na igreja mesmo, e após a celebração do casamento o padre entregava os papéis oficiais sacramentando e legalizando ao mesmo tempo o casamento com comunhão de bens. A saída da igreja após a cerimônia era acompanhada de montanhas de arroz.

Casamento de rico ou pobre, de branco ou preto, ou mulato e mesmo de mistura entre eles, tinha sempre fotografia obrigatória para eternizar os personagens.

Como não havia Velório Municipal, o falecido era pranteado em casa. Quando alguém morria, a vizinhança se tornava proprietária do lar do falecido. Os parentes eram isolados na sua dor e os compadres e vizinhos é que faziam a arrumação e o ritual do velório.

Assim como em batizados havia doces e nos casamentos bolo, no velório havia café e cachaça. O café preparado na casa do velório era distribuído por toda a noite em que os amigos se reuniam para velar o defunto. A cachaça era trazida de fora e os copos em que eram servidos vinham de toda a vizinhança. O café no velório era servido em canecas e não em xícaras. Não sei o porquê desta diferença. Altas horas da noite, alguém preparava pipocas na espiriteira,

quando havia azeite e álcool nela. De madrugada alguém trazia pão fresco da padaria.

No começo do velório a conversa girava sobre a vida do falecido, suas relações, suas vitórias e insucessos, como se fora um herói enquanto vivo. A seguir a conversa passava para os mexericos do bairro, sobretudo de que as mulheres tomavam conhecimento junto às portas das residências e os homens nas barbearias, nos bares ou nos botequins.

Uma coisa temos certeza: a igreja católica, nos anos 40 tinha o monopólio das idéias no bairro. Nem mesmo havia bibliotecas públicas ou centros culturais. A prática estava compulsoriamente divorciada da teoria.

Quanto às igrejas protestantes, a primeira a funcionar no Bonfim foi a Igreja Batista na década de 60, cujo culto ainda funciona em edifício próprio, na rua Quintino Bocaiúva, 570. Nela é celebrada a Ceia do Senhor todos os domingos, sendo que o primeiro domingo de cada mês é feita a coleta de contribuições para os pobres da igreja.

## **7 - EDUCAÇÃO, VIDA SOCIAL, OBRAS ASSISTENCIAIS E LAZER**

Quanto à Educação, o Bonfim contou com a primeira escola primária particular que funcionava em terras do Asilo de Inválidos, numa sala anexa à residência de João Batista Padovani, chacareiro que alugara ao próprio Asilo, uma boa porção de terra para o plantio e cultivo de frutas e hortaliças, as quais eram vendidas na cidade<sup>36</sup>.

Também as irmãs Francisca e Amélia Thompsom, nos altos do Bonfim, possuíam uma escola primária particular que atraía as crianças que molecavam pelos cafezais.

A 21 de outubro de 1930, no governo do prefeito Orosimbo Maia, a Câmara Municipal decreta a transferência de uma Escola Municipal do bairro do Hipódromo para o do Bonfim<sup>37</sup>.

Durante algum tempo contou também o bairro com aquelas “escolas isoladas” existentes no passado. Em dadas circunstâncias o Governo

(36) Depoimento de Dalida Assumpção Leite Battistoni.

(37) Câmara Municipal. Leis, Resoluções e mais actos promulgados durante o ano de 1930. Companhia Selera Ltda, 1931, p. 37.

confiava a uma professora o ensino de alunos do primeiro ao quarto ano, reunidos numa única sala de aula. Uma dessas escolas funcionava por volta de 1939, na rua Erasmo Braga. A professora era d. Maria Nogueira.

Com o crescimento da população do bairro foi criado, em 1932, o Grupo Escolar do Bonfim, na rua Erasmo Braga, em frente à praça Thompsom, sendo que em 1938, receberia o nome de Grupo Escolar D. João Nery.

No meu tempo do Grupo Escolar, o diretor era o sr. Jaime dos Santos. Usava óculos de lentes muito grossas, porque era muito miope. Era autoritário, falava muito alto e freqüentemente castigava os alunos com a palmatória. Era auxiliado pelo inspetor de alunos, sr. Delfim, que tinha um defeito na perna em virtude de um ferimento recebido na revolução de 1932.

Nesta ocasião havia um forte sentimento de amor à pátria. Nas festas cívicas, especialmente a do dia da independência do Brasil, nós os alunos, decorávamos o Hino da Independência e os mais endiabrados procuravam satirizar o mesmo cantando "japonês tem quatro filhos". No dia 15 de novembro decorávamos o Hino da Proclamação da República e no dia 19 de novembro, o Hino à Bandeira.

No Grupo Escolar tínhamos que obedecer a umas determinadas regras sendo a mais importante a questão da fila. Desde as entradas ao estabelecimento tudo era feito em fila. Fila do primeiro ano, do segundo e assim por diante. Para se tirar a distância um do outro, o aluno teria que estender o braço, com os livros no chão. Depois teria que baixar o braço e ficava na posição de sentido para cantar o Hino Nacional olhando para a bandeira. O diretor enfatizava a necessidade de ser brasileiro com boa dose de patriotismo e isso nos contagiava

Recordo-me bem dos ensinamentos da professora, Maria Amélia de Carvalho, muito exigente, especialmente nos estudos da taboada e redação. Foi uma professora que muito me marcou pela sua honestidade e capacidade didática. Aluno que não estudasse sofreria sanções muito severas. Depois de muitos anos, já aposentada, a revi e recordamos com enorme alegria e emoção os anos de aprendizagem no velho Grupo.

Em 1976 o Grupo Escolar se fundiria com o Colégio Estadual Hildebrando Siqueira e o estabelecimento passou a ser chamado de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau D. João Nery na mesma rua e em outro número. Atualmente conta o estabelecimento com 1467 alunos, distribuídos em três períodos pela manhã, tarde e noite.

Dentro das atividades assistenciais deve-se destacar o Asilo de Inválidos. Inaugurado a 10 de dezembro de 1904 nos arredores do Bonfim, em

terrenos da antiga chácara República que tinha sido desmembrada da fazenda Boa Vista de propriedade do capitão Bento Augusto de Almeida Bicudo que a, vendera por 35000\$00<sup>38</sup>. Esta instituição tinha por finalidade dar todo o amparo à velhice desprotegida.

Figura de proa nesta ocasião era o seu presidente, Orosimbo Maia, que mais tarde seria prefeito municipal de Campinas. Um dos seus primeiros atos foi nomear o sr. Luís Antonio Assumpção Leite, como diretor administrativo, em 1910, cargo que ocuparia durante trinta e dois anos. Sua gestão foi dinâmica, pois empreendeu uma reforma geral na administração. Um dos seus primeiros atos foi a contratação dos serviços do botânico francês, Benoit Foret, de notável influência cultural entre a população do bairro. Uma grande amizade os unia, a ponto do francês, solteiro, morar no próprio Asilo até a sua morte.

Benoit Foret nasceu em Chambéry, departamento da Sabóia, em 1844. Veio ao Brasil contratado pelo Instituto Agrônomo de Campinas a pedido de seu diretor, Dafert. Lecionou na Escola Agrícola Luís de Queirós, de Piracicaba. A pedido do diretor do Asilo, em 1910 organizou o pomar do próprio Asilo, enriquecendo-o com a plantação de morangos, laranjas e uvas brancas, assim como toda a plantação de café da fazenda São Martinho, da família Prado, na região de Ribeirão Preto. Foret chamava a atenção das pessoas pela sua enorme cultura, notadamente a francesa, pois era assinante de revistas de grande circulação como **Illustration** e a **Revue de Deux Mondes**. Foi assíduo freqüentador do Centro de Ciências, Letras e Artes e da Casa Genoud famosa por reunir a intelectualidade campineira. Faleceu em 1921.

Em 1972 passou o Asilo por grandes reformas. Suas antiquadas instalações foram derrubadas para se erguerem pavilhões melhores e modernos. Passou a ser chamado de **Lar dos Velhinhos**. Atualmente conta com mais de 200 idosos de ambos os sexos, assistidos pelas dedicadas missionárias de Jesus Crucificado, além de um corpo de médicos, enfermeiros e empregados. É necessário assinalar, que tal instituição, pelo plano de arruamento e divisão do bairro, não mais pertence ao Bonfim e sim à vila Proost de Sousa.

A 20 de agosto de 1877 era publicada na **Gazeta de Campinas**, uma crônica assinada pelo Dr. Joaquim de Paula Sousa, eminente médico, lembrando a necessidade de se abolir o velho costume de corrida de cavalo na esplanada onde hoje é a avenida Andrade Neves, pelo grande perigo proporcionado à população<sup>39</sup>.

(38) Livro de Contabilidade, 1904 a 1930, p. 7.

(39) Folha de São Paulo, 23/2/1965.

Assim é que na sessão da Câmara Municipal, a 17 de setembro de 1877, foi lido um requerimento assinado pelos srs. Francisco de Camargo Penteadó e Antonio Egydio de Sousa Aranha, organizadores da associação Hipódromo Campineiro, pedindo a concessão de um terreno situado junto à linha férrea da Companhia Paulista, para a contratação de um Hipódromo, prontamente atendido pela Prefeitura Municipal, assim como a doação de outro terreno contíguo ao já citado, pertencente ao Barão de Itatiba.

Por intermédio da venda de ações a sociedade particular pode levantar o capital suficiente para cercar o terreno de oito quadras. Com seis contos o fecharia com altos muros de tijolos, arquibancadas e toldos para o resguardo do sol.

A Câmara impôs algumas condições: "1 - o terreno seria utilizado para o fim específico; 2 - se a associação fosse dissolvida, o terreno reverteria para o domínio e posse da Prefeitura; 3 - se o Hipódromo deixasse de funcionar por qualquer motivo pelo espaço de seis anos o terreno seria revertido para a Câmara Municipal, com todas as obras nele existentes"<sup>40</sup>.

A primeira diretoria do assim chamado Jockey Club ficou assim constituída: presidente, Luís Antonio de Pontes Barbosa; vice-presidente, Antonio Alvaro de Sousa Camargo; primeiro secretário, Dr. João Egydio de Sousa Aranha; secretário-adjunto, Alfredo Pinheiro; tesoureiro, Joaquim A. de Almeida Salles<sup>41</sup>. Uma das glórias campineiras, o sr. Manuel Ferraz de Campos Sales, que mais tarde seria presidente do Brasil, foi o seu presidente, em 1880.

O Jockey Club fez parte da vida social do bairro e da cidade até 1966, quando se transferiu para o bairro Jardim Eulina. Teve momentos de glória como também de ostracismo quando por ocasião do surto da febre amarela e a posterior crise do café, quando seus portões permaneceram fechados temporariamente para depois reabrir. Na verdade, em termos financeiros, o Jockey era um negócio relativamente precário; durante as crises financeiras por pouco não fecha definitivamente as portas. Por que então tal instituição sobreviveu e durante muito tempo teve o favorecimento da elite? O motivo é simples. Seus membros provavelmente não se reuniam por amor ao turfe e aos belos animais, e sim porque o Jockey era um tipo da instituição cara, aristocrática, à qual era aconselhável pertencer. A lista de associados estava repleta de nomes importantes, fazendeiros e industriais, antigos e novos da elite campineira.

(40) Leopoldo Amaral. Campinas Recordações. Seção d'Obras d'O Estado de São Paulo, p. 361.

(41) Campinas, Turf & Sports, 1878-1928, p. 10.

O Jockey teve sua fase de bailes, mas eram danças de salão e não bailes de gala. Eles duraram enquanto o gosto da elite assim o exigiu. Poderia pertencer ao mesmo, famílias recém-enriquecidas e sem tradição, famílias tradicionais que, haviam perdido a prática ou o gosto por determinados aspectos de seu passado.

A partir de 1930 os bonfinenses começam a se divertir com as famosas corridas de **baratinhas** no circuito do Chapadão onde os carros chegavam a alcançar 80 às vezes 100 quilômetros por hora. Tal circuito compreendia: largada na rua Erasmo Braga, seguindo pelas ruas Maria Inês, 14 bis, Alberto Sarmiento, cônego Manoel Garcia, imediações do Castelo, bosque do Chapadão e retorno. Os moradores do bairro se empolgavam com tal acontecimento a ponto da Prefeitura Municipal instituir, em 1937, um prêmio denominado **Cidade de Campinas** no valor de 20.000\$000 (vinte contos de réis) para se conferido ao vencedor da corrida automobilística que realizar-se-ia neste ano. O grande vencedor foi Chico Landi. Na época seu mais direto rival era Benedito Lopes. Ambos campineiros. Em uma dessas corridas na rua 14 bis o piloto Moraes Sarmiento perdeu a vida e o bairro deixou de ter corridas<sup>41</sup>.

## O BAIRRO BONFIM E O CARNAVAL

O Bonfim vai ter o seu clube social fundado a 22 de abril de 1922. A primeira séde funcionava provisoriamente nos fundos do bar Luso na avenida governador Pedro de Toledo, sendo seu primeiro presidente, o sr. Antonio da Silva Pereira. Depois transferiu-se para a esquina da rua Rafael Sales com Arnaldo de Carvalho em um prédio comprado por 30.000\$000.

Além das reuniões dançantes semanais, havia periodicamente bailes em que eram obrigatórios os trajes a rigor. Promoviam-se também reuniões literárias, recitais, horas de arte, com números de música erudita.

É preciso convir que nos anos 40, o relacionamento entre os moradores do bairro era bastante humano e fraternal. Basta dizer que as pessoas se conheciam. Os instrumentos musicais, bailes e futebol eram as diversões mais constantes da época.

As manhãs de domingo eram reservadas às partidas de futebol. Havia um campo de terra batida entre o armazém do Moreira e o Hipódromo

(41) Diário do Povo, 7/09/1982.

Campineiro. O Bonfim Futebol Clube realizava seus jogos ali e disputava o campeonato da Liga Campineira de Futebol.

E por falar em futebol, tal esporte chamado das multidões foi introduzido em São Paulo, como esporte de elite. Aos poucos foi se popularizando e fazendo adeptos em todas as camadas sociais. Em meio à classe trabalhadora, nas fábricas e nos terrenos descampados dos bairros operários, ele conquistou uma posição de destaque.

Charles Miller, reconhecido como o primeiro divulgador do futebol no Brasil, era paulista, filho de um engenheiro ferroviário escocês que trabalhava na construção da **São Paulo Railway**. Na Inglaterra tomou conhecimento com a prática do futebol e ao retornar ao Brasil, em 1894, ficou surpreso ao perceber que o futebol era praticamente desconhecido pelos brasileiros, apesar da forte presença britânica no país, com suas indústrias, empresas de comércio e serviços.

Charles Miller empreendeu então, uma verdadeira conversão dos ingleses aqui radicados ao futebol, ensinando-lhes técnicas e táticas de jogo. A primeira partida propriamente dita, no Brasil, só foi disputada no ano seguinte, em 1895, no grande descampado da Várzea do Carmo (hoje centro da cidade e conhecida por Glicério) entre as equipes da Gas Company e a São Paulo Railway.

Em Campinas o futebol tornou-se popular a partir da fundação da Associação Atlética Ponte Preta a 11 de agosto de 1900 e mais tarde a do Guarani a 2 de abril de 1911, quando mobilizava as atenções das camadas sociais menos favorecidas e integrava o seu cotidiano. Ele fazia parte de todas as conversas no bairro; por todos os lados, viam-se grupos de meninos dando pontapés numa bola, nos fins de semana, os inúmeros campos da cidade ficavam repletos de espectadores. O sucesso do futebol podia ser facilmente constatado especialmente com a força do Bonfim Futebol Clube.

Mas voltando ao clube social do Bonfim podemos verificar o progresso havido em seu patrimônio. A 14 de novembro de 1970 era inaugurado o seu parque esportivo<sup>42</sup> e seis anos mais tarde, a sua sede campestre. Atualmente a sede principal funciona em um magnífico prédio situado à rua Bento da Silva Leite, 330, no Jardim Chapadão<sup>43</sup>.

Contam os antigos moradores que o carnaval do Bonfim no segundo quartel do século, era muito animado, especialmente o da avenida, fazendo com que os foliões, muitas vezes, dispensassem o do salão. O único

(42) Correio Popular, 23/11/1978.

(43) Diário do Povo, 26/03/1972.

bairro que se rivalizava com o do Bonfim, em termos de carnaval, e superior, segundo alguns, era o da Vila Industrial.

Os cordões carnavalescos, podemos dizer, se antecipariam às tradicionais escolas de samba que vemos hoje desfilar pelas ruas.

A partir dos anos 30 o Bonfim foi palco de grandes carnavais, tanto o de corso com desfile de carros alegóricos como nos de salão do seu clube social. Dentre os blocos alegóricos o do **Funil** era o mais importante, pela sua riqueza e luxo. Todavia, não podemos esquecer os **Unidos do Bonfim** que também se destacava.

Há casos pitorescos de carnaval de rua segundo depoimento de um morador<sup>44</sup>. Sabe-se que, em 1972 o Bloco do Funil levou um Moisés estilizado à frente de um bloco, com Bíblia, cajado e barba e que fazia até premonições, chegando a afirmar para um repórter de rádio que os três dias de folia não haveria chuva. Entretanto, tal premonição não deu certo. O pároco do Bonfim, na ocasião, cônego Geraldo Azevedo achava que o tal Moisés era um “atentado contra a religião”. Quando o Bloco do Funil se dirigia para o centro da cidade, defronte à Delegacia Seccional de Polícia na avenida Andrade Neves, seus componentes foram detidos e foram “descansar algumas horas no xadrez”. No dia seguinte, o Bloco voltou às ruas, contudo, sem a presença do Moisés. Foi o último carnaval de rua realizado por pessoas do bairro.

Ainda nesta área de diversões merece um destaque a praça pública Thompsom que depois passou a ser chamada de Isidoro Dias Lopes, em homenagem ao grande general comandante das tropas paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932.

Sociologicamente falando a praça representa um espaço laico, longe da forte influência da igreja, especialmente com seus festejos religiosos. Sendo um espaço democrático para ambos os sexos, especialmente para a mulher que se vê livre do jugo masculino, o local era próprio para as relações mais intensas entre os sexos.

Cabe aqui uma referência especial ao coreto desta praça. Sabemos que os coretos de um modo geral, representaram uma forte projeção da sociedade européia na segunda metade do século passado, quando proporcionava momentos de diversão à população de uma comunidade, através da música e outros entretenimentos. A pintura impressionista francesa ao final do século passado revela a importância dada pela população tanto rica como pobre à vida ao ar livre.

(44) Depoimento de Alcindo Ferreira da Silva.

Ao final do século passado o ferro vai ter uma importância fundamental na ornamentação de grades e portões dos edifícios das cidades. E os coretos vão se destacar como peças de arqueologia industrial dentro das propostas do **art nouveau**<sup>45</sup>.

O coreto do Bonfim fez parte da sociedade local, a partir dos anos 30, não só como ornamentação, mas como instrumento de entretenimento musical, numa época em que as bandas de música da cidade com suas retretas se constituíam em pontos de atração popular ao desenvolver ritmos musicais tão em voga, como maxixes, posteriormente substituídos pelos primeiros sambas, valsinhas e dobrados.

De tudo quanto até agora desenvolvemos, fica assente, que o coreto representou um papel importante no lazer do bairro, até que com o advento da televisão, desapareceu, fazendo com que os bonfinenses se entregassem a um novo tipo de diversão<sup>46</sup>.

No campo das diversões ainda, não podemos esquecer que a população teve o seu cinema, o Real, inaugurado a 30 de setembro de 1953, com o filme **Luzes da Ribalta** estrelado por Charles Chaplin. Todavia, com a chegada da televisão, este belo cinema localizado na avenida governador Pedro de Toledo, foi obrigado a fechar suas portas ao final dos anos 60.

Quanto à Imprensa, podemos destacar dois jornais lidos, ambos de Campinas: o **Diário do Povo** e o **Correio Popular**. O **Correio Paulistano** e o **Estado de São Paulo** e mesmo os **Diários** ou **Folhas** eram jornais da elite. Pouca gente os lia, pois eram muito mal distribuídos. O **Fanfulla**, jornal da colônia italiana, era muito lido, com clientela certa. Noticiava acontecimentos sociais ligados à colônia como, batizados, noivados, casamentos ou bodas de prata e ouro. Até mudanças de domicílio eram anunciadas. Muitos destes italianos ou descendentes ficavam contentes quando seus nomes ou fotografias eram estampados no jornal.

Finalizando, hoje o Bonfim está mudado com sucessivos melhoramentos e novas construções. As atividades de lazer são inúmeras com belos jardins e praças públicas. São logradouros com farta vegetação para recreio das pessoas. As transformações são radicais, e por isto, neste pequeno ensaio, abordamos mais os aspectos dos seus primeiros tempos. Não existe mais o sossego de outrora, quando jogávamos futebol e andávamos de bicicleta em suas ruas poeirentas e pacatas. O tempo fluía vagarosamente.

(45) José Octávio de Arruda Mello. Os Coretos no Cotidiano de uma Cidade. Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1990, p. 81.

(46) A atual praça foi completamente remodelada em 1976 e nela foi construída a Biblioteca Municipal Joaquim de Castro Tibiriça.

Despreocupados, saboreávamos uvas, laranjas, mangas no belo pomar da residência do sr. Ernesto, um alemão muito gentil que nos acolhia ou então refestelados em nossas cadeiras, conversávamos na calçada com vizinhos após o jantar. Como na época não havia televisão e com a grande disponibilidade de tempo, as oportunidades eram enormes, para as pessoas se reunirem. Tempos românticos aqueles!

Hoje observamos que as cidades a cada dia se transformam. Mudam de rosto e de habitantes, cumprindo à risca o reparo de Jorge Luís Borges, o notável escritor argentino, quando nos diz que toda cidade, quando revista é sempre anacrônica. O mesmo podemos dizer do bairro Bonfim já diluído na grande metrópole campineira, só nos restando uma imensa saudade.